

LAÇOS DE FAMÍLIA - ELOS OU CORRENTES?

MAGDA VELLOSO FERNANDES DE TOLENTINO*

RESUMO

O objetivo deste artigo é fazer um estudo comparativo entre a obra de dois autores distintos e mostrar que laços de família, que deveriam representar elos de proximidade e ternura, não passam de correntes escravizadoras. Os dois autores são Clarice Lispector e James Joyce e escolhi os contos "A imitação da rosa" em *Laços de família* e "Eveline" em *Dubliners*, na impossibilidade de trabalhar com todos os contos contidos nesses livros. Ambos os autores mostram que laços de família podem ser frustrantes e castradores, impedindo as pessoas de tentar novas experiências que poderiam levá-las a uma vida mais rica.

"He that hath wife and children hath given hostages to fortune; for they are impediments to great enterprises, either of virtue or mischief".

(Francis Bacon, *Essays: of marriage and single life*)

As palavras de Francis Bacon ilustram bem a dúvida levantada no título deste artigo e mostram como a preocupação com laços de família é universal e prevalece através do tempo.

O foco deste artigo está no estudo temático, pois este é o ponto que eu extraordinariamente achei em comum nos dois autores. Digo extraordinariamente porque eles não têm muita coisa em comum: nem nacionalidade, nem contemporaneidade e nem língua. Mas têm em comum esta preocupação com isolamento e solidão como uma constante na vida de homens e mulheres, tanto fora quanto dentro do círculo familiar. Entretanto, apesar da semelhança temática ser o ponto de partida, mencionarei também diferenças e oposições no decorrer do trabalho, assim co

*Professora de Inglês da Faculdade de Letras da UFMG.

Este artigo foi apresentado no original em inglês em seção de comunicações do XVIII SENAPULLI (Seminário Nacional de Professores Universitários de Literatura de Língua Inglesa) em Guarulhos, SP, em janeiro de 1986.

mo farei ligeiras referências à técnica narrativa, necessárias à melhor compreensão do tema apresentado.

Em *A imitação da rosa*, Clarice Lispector apresenta a luta de Laura contra ela mesma pela preservação da dona-de-casa submissa e sem brilho — papel que se espera dela para que seu pequeno mundo continue rodando no seu eixo habitual. Sua identidade é construída, não em cima de sua própria vontade, mas no senso do dever, o que é comprovado na sua preocupação com as tarefas domésticas.

A proporção que os pensamentos de Laura fluem para a sua rotina diária, recordações de sua "doença" afloram e ela se lembra de sua estada no hospital e do tratamento ao qual fora submetida. Ela enxerga sua doença através de um enorme complexo de culpa — todas as suas tentativas de se adaptar à rotina são nada mais que uma autopunição pelo escape a que ela se permitira durante sua doença.

Escape? ou talvez pudéssemos dizer: encontro? Em seu sentimento de culpa ela se sente "como um gato que passou a noite fora e, como se nada tivesse acontecido, encontrasse sem uma palavra um pires de leite esperando"¹. A culpa de Laura está diretamente relacionada com o olhar preocupado do marido, e o desejo dele de tê-la de volta como a esposa submissa de antes. Entretanto, ela deixa seu pensamento vagar de volta para seus dias de doença e lembra-se deles como um "ponto vazio e acordado e horrivelmente maravilhoso..." e dela própria como "...super-humana e tranqüila no seu isolamento brilhante". (AV, p.41-42)

➤ Culpa e fascinação se superpõem na lembrança de seus dias no hospital. Toda vez que ela tenta se persuadir de sua felicidade em realizar tarefas domésticas, na verdade o que ela está tentando é compensar o marido e os amigos pelo sofrimento que lhes causou. É desta forma que ela pensa no interlúdio da doença como uma fraqueza, uma tentação à qual ela se entregara; mesmo assim uma vez mais ela exulta em ter-se livrado da sujeição que a sua vida anterior tinha sido.

Quando ela admite seu estado de terrível independência e a impressão de se sentir perfeita como alguém de outro plane-

ta, ela simplesmente está liberando os sentimentos de liberdade e de se sentir humana, sentimentos estes com os quais ela havia sido dotada na época da doença, como se fosse um segredo zelosamente guardado mas que tivesse escapado inexoravelmente por baixo da tampa de uma panela em ebulição. Durante aquela época ela tinha sido, na verdade, ela mesma. Ela tinha se libertado das amarras dos laços de família da mesma maneira que havia, quando jovem, se livrado do ginásio. No ginásio, como na sua doença, ela havia conseguido escapar ao que a oprimia; a oposição liberdade versus escola como instituição fica clara no desenvolvimento do pensamento de Laura. Sob aqueles laços ela tinha permanecido, a cada dia, passiva e insignificante, enquanto seu marido se mantinha calmo e sem perturbação, e o equilíbrio do meio familiar tinha se mantido estável. Esses mesmos laços a tinham impedido de ser ela mesma, de fazer tentativas, de se tornar humana.

As rosas, com sua beleza agressiva, ameaçam Laura com a possibilidade de um recuo para a mulher independente e autêntica. Como uma tentação, elas estimulam a voltar-se para si mesma, representando a divisão de Laura em duas metades: a esposa de Armando, obscura, cansada, sem impulsividade; e ela como mulher, ela própria, livre e super-humana. Ela se sente impelida a tomar uma decisão; enviar as rosas à amiga ou mantê-las consigo? fazer um esforço e continuar sem identidade, agindo de acordo com o que se espera dela, ou mergulhar novamente no seu momento de revelação e deixar seu eu emergir?

Ela prefere mandar as rosas, mas a ausência destas acende o seu desejo e Laura se abandona à escolha final de liberdade, ou melhor, à sua condição super-humana. Mas, ao mesmo tempo, no ato de escapar, ela é inexoravelmente condenada ao isolamento e à solidão.

No conto de Joyce, "Eveline", a jovem enfrenta a possibilidade de uma fuga de seus laços de família. Ela tem um namorado e planeja seguir com ele para um lugar distante, onde eles deverão iniciar uma nova vida. Enquanto ela faz planos, cenas de sua vida familiar desfilam perante seus olhos, e nós, leitores, descobrimos que sua ligação com a casa e com a famí

lia são intoleráveis. Seu pai a oprime; recusa-lhe dinheiro e espera que ela faça milagres com o pouco que dá de má vontade. Nestas circunstâncias, fugir com seu namorado representa liberdade, a promessa de uma vida nova, amor, salvação. No entanto, algo a prende e ela não embarca no navio em que seu namorado a espera.

Nada além dos laços de família a prendem. No último momento ela se lembra das promessas que havia feito à sua mãe moribunda, promessas de cuidar do pai e dos irmãos.

Portanto, como em Clarice Lispector, Eveline está dividida entre duas forças: o desejo de fugir e ser feliz e a necessidade de conformar-se e aceitar seu destino.

→ Ambos os autores, Clarice Lispector e James Joyce, colocam a nu o contexto de submissão e culpa às quais a mulher se acha escravizada, assim como denunciam o fato de que as mulheres não podem se entregar à sua procura, à sua auto-afirmação; antes, agem como instrumentos provedores de conforto para seus homens. As duas personagens, como indicam seus nomes, interiorizaram uma ideologia masculina, que é confirmada pela sua incapacidade de quebrar os laços.

Laura - nome derivado de louro - árvore sagrada a Apolo, deus do sol, símbolo de razão e inteligência - o princípio masculino. O herói grego, para que fosse coroado com o louro, tinha que conquistar seus impulsos inferiores, idéia esta que ilumina o desenlace da história.

Eveline lembra Eva - a inversão da Virgem Maria, culpada de seduzir Adão e causar assim a expulsão deles do paraíso. Não admira que Eva/Eveline sonhe com a América do Sul como o jardim do paraíso; no entanto a sua "expulsão" toma a forma invertida: o não conseguir levar a termo seu projeto de liberdade. Ela é expulsa de um lugar que nunca conseguiu alcançar, o que reforça o senso de deslocamento da mulher.

De acordo com Deleuze², podemos arrolar Joyce junto com os autores que ele chama de "literatura menor" - menor não por ser menos importante ou escrita numa língua sem importância; mas por ser uma literatura feita por uma minoria numa língua de destaque. O que caracteriza a "escrita menor" é o sentimen

to de deslocamento, a ruptura, uma implosão ideológica do sistema, seja em termos de valores sociais, modelos literários ou língua. Ninguém poderá negar o papel fundamental de Joyce neste sentido. Clarice Lispector pode ser colocada na mesma categoria, pois se nós, brasileiros, ainda não encontramos nossa verdadeira identidade, estamos de uma certa forma usando uma língua que não é, pelo menos originalmente, nossa, mas do colonizador. Ela é, por outro lado, uma mulher escritora num país onde o processo cultural é completamente dominado pelos homens. Talvez seja este o motivo pelo qual tanto Clarice quanto Joyce lidam tematicamente com o deslocamento, falta de identidade e de realização — porque, de maneiras diferentes, ambos vivem experiências similares de deslocamento, do sentimento de "não pertencer". Este deslocamento está também refletido nos componentes estruturais dos textos: Clarice, a mulher escritora, faz a mediação do seu tratamento do ponto de vista feminino através do uso do narrador em terceira pessoa. Joyce, o homem escritor, usa uma língua duplamente estranha para ele: a língua que não é originalmente sua, o inglês, e o discurso feminino.

O sentido de deslocamento se reflete também, tanto num conto quanto no outro, na repetição do motivo do sonho de uma terra distante, o paraíso de Eveline representado pela América do Sul, onde ela pode ser ela mesma, livre e respeitada, e o de Laura representado por aquele lugar distante da mente onde ela, da mesma maneira que a outra, pode encontrar seu paraíso. Para Eveline, a América do Sul é aquele paraíso idealizado pela fantasia européia, enquanto que para Laura, a protagonista que já se encontra na América do Sul e compreende que este não é nenhum jardim de Eden, não há lugar algum para se refugiar ou para sonhar — ela não tem outra alternativa senão a de voltar-se para si mesma.

A criação de personagens nas duas histórias segue o padrão dos dois autores: os dublinenses de Joyce são geralmente solteiros, com seu peso de solidão, isolamento e frustração, ou mal casados. A maioria das mulheres de Clarice Lispector são casadas, mas o casamento para elas representa as amarras

inseparáveis de escravidão que as impede de serem elas mesmas, de fazerem algo diferente ou irem a outros lugares. Em ambos os casos, de Eveline e de Laura, a infelicidade e a solidão que permeiam sua vida persistem. Eveline se sente presa a Dublin e à sua família, e retoma a monotonia de sua vida anterior, Laura escapa para uma outra realidade, a dos desequilibrados mentais, como as pessoas "normais" dizem, para uma outra dimensão de solidão. Laura/razão/submissão ao papel social se opõe assim à Laura/desrazão/liberdade. A ironia se encontra no fato de que a única liberdade a ela permitida é a loucura, que substitui um estado de marginalidade por outro, a clausura apenas toma forma diferente.

O ponto importante que as duas histórias têm em comum é a atmosfera. O momento de ambas é ao final da tarde, quando a noite começa a cair. É o momento do dia em que a luz se esvai e as sombras começam a pairar sobre coisas e pessoas. É o momento apropriado para as pessoas voltarem-se para dentro de si próprias, pois os contornos dos objetos tornam-se indefinidos no escuro que se instala; a visão deixa de ser o sentido prioritário para a percepção das coisas e será então substituída pelo instinto. A visão retrocede, sentimentos e pensamentos vêm à tona. No entanto, ambas as histórias cobrem um grande espaço de tempo, passado e futuro, no interior do pensamento das personagens.

Em "Eveline" diremos que o tempo básico da narrativa é a tardinha em que a jovem está planejando fugir com seu namorado. A cena flutua para a frente e para trás, de volta no tempo até a infância de Eveline e para a frente com visões do seu futuro num país distante e desconhecido; de volta novamente até um passado recente em que ela trabalhava nas Lojas, passando pelo seu presente sentada à janela no escuro até a expectativa de explorar uma nova vida; recordações de seu primeiro encontro com Frank e de seu namoro misturam-se com um passado mais remoto ainda, em que ela não tomava parte: o da narrativa de Frank de tempos passados e de suas aventuras. Memórias da mãe e de dias mais felizes atravessam sua mente como raios, palavras balbuciadas em outros tempos estão presentes

na sala com ela, trazendo-a de volta para a necessidade de uma decisão.

O conto começa e termina na mesma tarde, mas passado e futuro amalgamam-se ao presente nas sombras do ambiente.

Laura passa pelo mesmo processo. Desde a tardinha até o cair da noite ela se preocupa em esperar pelo marido e beber seu leite ao mesmo tempo em que revive seu passado recente no hospital assim como seu passado remoto na escola, quando meti culosamente copiava as matérias sem ao menos entendê-las, de donde ela pula para o futuro e para fantasias de saídas de braço dado com Armando, ou jantares com amigos numa atmosfera confortável e relaxante de pessoas que se completam.

Passado, presente e futuro, em quadros e sensações, fundem-se dentro da mente de Laura enquanto ela transa de um cômodo a outro da casa nesta tarde de seu despertar. Condensação de tempo associada à densidade de estilo dos dois autores conduzem à intensificação de efeito como metáfora para a tensão das personagens. Laura e Eveline estão no limite de suas forças.

James Jeans, em sua obra "The mysterious universe", expressa este sentimento da presença de todos os tempos num só:

"Pode ser que o Tempo, dos primórdios ao fim da eternidade, esteja desdobrado perante nossos olhos, mas nós entramos em contato com apenas um instante, assim como a roda de uma bicicleta entra em contato com apenas um ponto da estrada de cada vez. Como Platão havia dito há vinte e três séculos atrás em Timaens, 'O passado e o futuro são formas elaboradas de tempo que nós, inconsciente porém erroneamente, transferimos para a essência eterna. Nós dizemos FOI — É — SERÁ — mas na verdade apenas a forma É poderá ser usada corretamente'"³.

Essa presença de Passado/Presente/Futuro no pensamento de Laura e Eveline leva-nos a um novo ponto de contato nas duas obras: os dois autores focalizam uma visão interior, sendo que o pensamento das personagens é filtrado através do seu intelecto. A linguagem narrativa é a mesma que Laura e Eveline usariam em conversação comum. Joyce e Clarice não usam a

voz de um narrador inteligente, rico em vocabulário e sintaxe, mas mostram a linguagem comum com a qual as duas mulheres de classe média estão habituadas. Robert Scholes, no seu ensaio "Abordagem semiótica de um texto de ficção: Eveline de Joyce", diz que

"Ao escolher Eveline como foco, Joyce....selecionou uma mente central que não é muito inteligentee favoreceu.... uma perspectiva interna fixada numa cabeça que, além de não tomar conhecimento de todos os eventos da história, é completamente limitada em cultura e inteligência".⁴

O mesmo se aplica a Laura na maior parte da narrativa, aquela centrada nos seus pensamentos, como uma mulher que, dentro do seu universo limitado, consegue preocupar-se apenas com pequenas coisas, somente extrapolando quando se trata de seus sentimentos íntimos.

Para provar a idéia apresentada no início deste trabalho, eu poderia ter escolhido pelo menos uma meia dúzia das personagens dos *Dublinenses* de James Joyce, como por exemplo Miss Mooney em "A pensão" ou Farrington em "Contrapartida"; ou das personagens de Clarice Lispector em *Laços de família*, como Ana em "Amor", a velha de "Feliz aniversário", mãe e filha em "Os laços de família". O tema principal de Joyce em *Dublinenses* é a paralisia que domina as pessoas em Dublin. Eu decidi trabalhar com essa paralisia relacionada a laços de família.

De acordo com o *Concise dictionary of literary terms*, epifania, escrito com letra maiúscula, é o nome de uma data cristã festejada no dia 6 de janeiro, que comemora a revelação de Jesus Cristo aos cristãos através dos Sábios, os Reis Magos. Em literatura, epifania significa uma visão repentina e intuitiva da realidade, com a percepção básica de um acontecimento; o termo também se refere a uma obra literária, ou parte dela, que simbolicamente mostre um tal momento de percepção e revelação. Neste sentido, epifania foi usada por James Joyce como um termo que significa "súbita manifestação espiritual", primeiro em seu livro *Stephen Hero* e mais tarde em *Retrato do artista quando era moço*, onde a idéia foi expandida.⁵

O *Fontana dictionary of modern thought* diz que James Joyce foi o responsável pela introdução do termo "epifania" na crítica: Stephen Hero está passando pela rua Eccles quando escuta sem querer um colóquio: uma "trivialidade" que o faz "pensar em colecionar diversos desses momentos num livro de epifanias". Por epifania ele entende uma "súbita manifestação espiritual", "os mais delicados e mais evanescentes de tais momentos convergentes". Joyce estava preocupado em capturar, no lugar comum, a "radiância", a "especificidade", o "encantamento do coração".⁶

As personagens de Clarice passam por essa "epifania" ou iluminação, sob cuja aura elas se dão conta de sentimentos até então ocultos e de circunstâncias ao seu redor, sejam estas lugares, coisas ou rostos.

Como vimos, Joyce tinha transformado a epifania, de sua origem bíblica de manifestação divina, em uma técnica literária. Mas enquanto uma epifania religiosa traz salvação para aqueles em quem esta se manifesta, uma epifania Joyceana é um momento de revelação e êxtase que a gente gostaria de conservar, mas que escapa pelos dedos, ainda que permaneça como um ganho valioso; a experiência se transforma, em si mesma, num objetivo.

O mesmo se aplica às epifanias de Clarice Lispector. Suas personagens, mesmo passando por esse processo de epifania, mantêm-se acorrentadas à sua rotina diária. Às vezes sua epifania serve apenas como veículo para a percepção da monotonia da existência repetitiva, sem cor; a pessoa pode passar por um processo de iluminação e, apesar dele, permanecer atada às correntes familiares. A diferença fundamental entre as duas personagens estudadas é a de que Eveline se mantém como parte do sistema por não conseguir quebrar as amarras, enquanto Laura as quebra, ainda que através da loucura. Parece que para essas duas mulheres só existem dois caminhos: integrar-se ou des/integrar-se.

NOTAS

1. LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Contos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983. p.37. Todas as citações de Clarice Lispector referem-se a esta edição e serão assinaladas no texto através das iniciais AV, seguidas da indicação das páginas.
2. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1977. p. 25-42.
3. Sir James Jeans é citado por Laurence Durrell em *Key to modern poetry*. Great Britain, Peter Nevill, 1952. M/tradução do texto:

"It may be that time, from its beginning to the end of eternity, is spread before us in the picture, but we are in contact with only one point of the road; as Plato expressed it 23 centuries earlier, in the Timaeus, the past and future are created species of time which we unconsciously but wrongly transfer to the eternal essence. We say WAS - IS - WILL BE - but the truth is that IS alone can properly be used".
4. SCHOLLES, Robert. *Semiotic approaches to a fictional text: Joyce's Eveline*.
M/tradução do texto:

"In choosing Eveline as a focus, Joyce...has selected a central intelligence who is not very intelligent... and favoured... an internal perspective fixed in a mind which is not only deprived of certain knowledge about the events of the story but which is absolutely limited in education and intelligence".
5. SHAW, Harry. *Concise dictionary of literary terms*. New York, McGraw-Hill Book Company, 1976.
6. *The Fontana dictionary of modern thought*. Ed. Allan Bullock and Oliver Stallybrass. Great Britain, Fontana/Collins, 1977.